

Conferência Portugal 2011. Vir o Fundo ou ir ao fundo?

Intervenção inicial do Professor Doutor Eduardo Paz Ferreira

Anatole Kaletsky, um dos mais prestigiados comentadores económicos da imprensa britânica e administrador do *Institute for New Economic Thinking*, instituído graças a uma doação de Georges Soros, escreveu recentemente que na caça aos culpados lançada após a quase destruição da economia mundial foram esquecidos eventuais suspeitos: os universitários. Enquanto as atenções do mundo se concentravam nos erros dos banqueiros, dos reguladores financeiros e dos meios políticos, os autores das teorias económicas que estiveram por detrás da situação escaparam às críticas que mereciam.

É um repto que merece sem dúvida ser ouvido. Em Portugal, na blogosfera e, na sequência de uma interrogação colocada por José Medeiros Ferreira, ainda se iniciou um debate sobre o que se ensinava nas universidades depois da crise, mas a questão caiu.

Pela nossa parte, seguimos com atenção os desenvolvimentos da situação económica. A *Revista de Finanças Públicas e Direito Fiscal* publicou inúmeros artigos sobre o tema e várias foram as conferências que organizamos, entre as quais uma dedicada ao PEC – posta hoje à venda – e outra ainda inédita sobre o direito e a economia depois da crise.

Como a jornada que agora iniciamos atesta amplamente, pensamos que direito e economia têm de dialogar em permanência. O Direito não é, não pode ser uma mera técnica. Na sua tarefa de ordenação da sociedade ele não pode deixar de reflectir um determinado projecto e não pode manter-se à margem dos grandes debates da comunidade.

Vimos com profunda tristeza e inquietação que a esperança que se chegou a gerar, designadamente nos meios católicos, de que se pudesse ter iniciado um processo de ruptura criativa de raiz schumpeteriana, que levasse à construção de um novo modelo de sociedade, em que as crises daquele tipo fossem menos prováveis e as suas causas erradicadas, se não confirmou até ao presente.

Foi, igualmente, com tristeza e inquietação que vimos o pessimismo, a acomodação crescerem, bem como instalar-se a tendência para evocar míticos passados, devidamente reciclados.

Impressiona-nos, por outro lado, que não tenha havido qualquer responsabilização dos culpados, como nos recorda de forma especialmente impressiva um filme que muitos terão já visto – *inside job* – Podemos, de facto, concluir que nos estados Unidos Madoff foi o único culpado e, para quantos, entre nós, não cessam de elogiar o sistema judiciário americano na sua capacidade para combater o crime de colarinho branco, bem como a sua velocidade, temos de reconhecer que não saímos mal de todo. Pelo menos empatamos. Mas, claro foi um empate num jogo que pagávamos para não ver.

Passada a fase pior da crise, tende a instalar-se um sentimento de que ela foi qualquer coisa de inevitável, apenas um preço a pagar no caminho do crescimento e aumento de bem-estar. Mas, ainda há dias, a comissão de inquérito à crise financeira anunciava em Washington que a crise era evitável e que resultou de “falhas dramáticas na governação de empresas e gestão do risco em muitas instituições financeiras sistemicamente relevantes, não hesitando em apontar o dedo às autoridades reguladoras.

Mais de dois anos passados sobre o auge da crise, é certo que as coisas não se apresentam tão más como em certo momento se pôde pensar, se as encararmos numa perspectiva mundial, mas o cortejo de dor e desemprego permaneceu.

É certo que nalgumas zonas a actividade económica ganhou uma extraordinária pujança e os níveis de crescimento são iguais ou até superiores ao que eram antes da crise, mostrando bem que a globalização económica resistiu ao seu primeiro grande embate.

Infelizmente, o mesmo não pode ser dito quanto a Portugal e ao conjunto da União Europeia e, em especial da zona euro, em que a inexistência de políticas adequadas e ideias inovadoras é acompanhada de proclamações como a do Senhor Van Rompuy (que, recordo, é o Presidente do Conselho Europeu) de que a União Europeia se vai afirmar na cena mundial.

Enquanto a China cumpre a profecia da Alain Payrefitte, quarenta anos atrás, num livro na altura polémico – quando a China despertar, o mundo tremerá – e se torna quase consensual afirmar que os *BRICS* vão refazer o mundo nas próximas décadas, a União Europeia lembra cada vez mais a blague do treinador de futebol que entusiasticamente declarava: a equipa estava à beira do precipício, comigo deu o passo decisivo.

Num livro recentíssimo, Laurent Cohen-Tanugi assinala que, desde há vinte anos, a Europa falhou os grandes encontros e que agora está contra o muro. Esta é uma ironia suprema, tanto mais quanto se verifica quando caiu o muro que a dividia.

Aquilo que é verdade para a união europeia é-o por maioria de razão para Portugal. Por isso pensamos que era chegado o momento de a Universidade de Lisboa e a sua Faculdade de Direito, filhas do ímpeto modernizador republicano (e passam hoje 120 anos sobre o primeiro movimento revolucionário republicano), se colocarem ao dispor da restante comunidade científica, da comunidade profissional e da sociedade portuguesa no seu conjunto, para criar um espaço de debate apaixonado (e não desapaixonado, como tantas vezes se ouve desejar), militante e empenhado na busca de novos caminhos.

Compreender-se-á que, falando do ímpeto republicano, evoque a Portuguesa e proclame: às armas! às armas. Naturalmente que as nossas armas não são os canhões. Serão a nossa inteligência, o nosso saber, a nossa capacidade de nos interessarmos pelos problemas da colectividade, em vez de considerarmos que essa tarefa é apenas de políticos, que isolamos como se fossem marçianos desembarcados em Portugal e não aqueles que nós legitimámos e escolhemos livremente.

O vasto grupo de oradores destes dias está longe de ter um pensamento comum sobre o largo espectro de questões que iremos debater. Em muitos casos, irão mesmo confrontar-se ideias totalmente opostas, mas a todos eles há que reconhecer a competência, o empenho, a noção de dever público, a preocupação com a comunidade e com o seu futuro.

Este foi o único critério de escolha.

Formações e vivências muito diversas e gerações também elas diferentes vão aqui dar o seu testemunho.

A enorme adesão ao projecto destas jornadas e a capacidade de tantas pessoas para sacrificarem dois dias de trabalho à discussão destes temas são seguramente um factor de gratificação para quantos trabalharam empenhadamente nesta organização.

Creio que, como nós, todos sentiram, na bela expressão de Sophia Melo Breyner Andresen, que **vemos, ouvimos e lemos. Não podemos ignorar.**

É especialmente reconfortante saber que oradores e participantes aceitaram o título provocatório da conferencia – **Vir o Fundo ou ir ao Fundo?** – e perceberam que ele estava longe de representar qualquer ideia de acomodação ou fatalismo, mas antes um apelo à luta pelo nosso futuro e ao debate sério dos caminhos que nos permitirão segui-lo.

O título é, de facto, deliberadamente provocatório. Na sua ambiguidade procura não esquecer os problemas com que nos confrontamos, mas desafiar também as cassetras da desgraça, que parecem congratular-se com as nossas dificuldades, aparentemente confirmadoras das suas profecias.

Nesta onda pessimismo situacionista esquecemos, por vezes, quanto o país mudou, quanto a democracia contribui para uma vida melhor das populações, para uma melhor saúde, para uma velhice mais digna, quão modernas são as infra-estruturas de que dispomos e, sobretudo, o modo como os nossos cientistas, investigadores, poetas, romancistas, actores, dramaturgos, realizadores, pintores e músicos nos enchem de orgulho na sua criatividade e preparação.

Lisboa é hoje uma cidade com uma actividade cultural ao nível do melhor que há na Europa, mas é, sobretudo, a música portuguesa que nos inspira e estimula. Numa semana, a cidade de Lisboa pôde ver e ouvir Deolinda, Rodrigo Leão, Camané. Que outra cidade não gostaria de se poder gabar de ter como nós tão brilhantes talentos

E vem, de resto, deles o desafio que nos interpela. Para quem assistiu ao belo concerto dos Deolinda:

sou da geração sem remuneração
e não me incomoda esta condição.

Que parva que eu sou!

Porque isto está mal e vai continuar,
já é uma sorte eu poder estagiar.

Que parva que eu sou!

E fico a pensar,
que mundo tão parvo
onde para ser escravo é preciso estudar.

A sociedade tem de criar espaço para que quem sai da universidade possa ter o

lugar a que tem direito pelo seu conhecimento e o seu esforço, mas seguramente a universidade tem de auxiliar a sociedade a construir esse espaço.

Estamos, aqui, hoje para dizer que não fechamos a porta e que, seguindo o conselho do personagem de um romance de John Irving, estamos atentos quando passamos ao pé das janelas. E, como não anatemizamos, apesar de tudo, as modernas tendências da gestão, não deixamos de olhar a ver se aquela é a janela de oportunidade.

Preocupam-nos, sobretudo, as oportunidades que Portugal pode utilizar. Nesta conferência iremos olhar para essas oportunidades, no quadro da união económica e monetária e do apoio das instituições financeiras tradicionais, mas também no dos novos países que se afirmam.

Temos um pano de fundo de tormenta no país e na Europa. Sabemos que a Europa da cultura de que nos fala Georges Steiner não soube transformar-se num parceiro económico e político relevante e, se voltarmos à inspiração de Alain Payerfitte, podemos dizer que a China já acordou e todos tremem ou temem, mas que, quando e se, a Europa acordar, provavelmente já ninguém reparará.

O que é pena não por nós, mas pelo Mundo que perderá um polo civilizacional e um modelo social que mereciam pelo menos uma segunda hipótese, que a Europa fortaleza ainda mais comprometeu. É, por isso, que temos de trabalhar.

É nesta conjugação da memória do passado e da energia para encarar o futuro que temos de encontrar forças. Como escreveu Wordsworth num poema que tanto comove muitos de nós e, sobretudo, aqueles que viram o belo filme de Elia Kazan, com a frágil Nathalie Wood.

"...A luz que brilhava tão intensamente foi agora arrancada dos meus olhos, e embora nada possa devolver os momentos de esplendor na relva e glória na flor, não sofreremos, melhor..., encontraremos força no que ficou para trás."